



Nota de Abertura

Rosa Neves Simas
Presidente Assembleia
Geral da UMAR-Açores

Questões de Género na Era da IA

Nem foi há cinco anos (o ChatGPT apareceu em novembro de 2022) que a Inteligência Artificial (IA) começou a tomar conta das nossas vidas, contribuindo para o crescente frenesim da nossa era, e para a recente moda das guerras, sendo usada para identificar alvos a bombardear, entre outras perícias bélicas. Quanto às questões de género, uma panóplia de avisos e estudos confirmam os retrocessos para a situação das mulheres. Na CNBC, Alex Karp, CEO da Palantir, admitiu: Esta tecnologia é disruptiva para as mulheres qualificadas, que tendem votar no Partido Democrata. Enfraquece o seu poder económico, enquanto aumenta o le dos homens de formação prática, apoiantes dos Republicanos.

No quadro actual de (des)governança nos EUA, estes tecnomilionários sabem onde vão buscar os subsídios públicos de que precisam: incentivos fiscais, energia subsidiada, contratos governamentais, e melhorias da rede elétrica pagas pelos cidadãos, pois os custos energéticos destas tecnologias são brutais. São tech bros, como o fundador da Palantir, Peter Thiel. Notório crítico dos direitos das mulheres, incluindo o direito ao voto, é um dos responsáveis pela guinada à direita populista e anti-imigração, apesar de ele próprio ser imigrante!

O estudo de 2024 da UNESCO aponta as áreas onde a IA perpetua a desigualdade. Logo à partida, a presença feminina é muito reduzida: apenas 20% de mulheres são técnicas, 12% investigadoras, 6% programadoras de software, 18% conferencistas e menos de 20% professoras. Esta sub-representação das mulheres no desenvolvimento e liderança de IA, e a falta de implementação de regulamentação política e ética, faz com que a IA promova a reprodução de estereótipos de desigualdade de género, a marginalização e invisibilidade de comunidades vulneráveis, e o aumento do discurso de ódio e violência.

O sol da primavera chegou, mas este quadro é muito sombrio! ■

Profissionais Nem, Nem!

Mais de mil profissionais de IPSS e das Santas Casas dos Açores decidiram recorrer a um instrumento democrático fundamental: a petição. Ao fazê-lo, deram voz a uma realidade conhecida e que permanece sem solução.

Assim, a petição Revisão das Tabelas Salariais das IPSS e Santas Casas da Misericórdia foi recentemente debatida em plenário da Assembleia Legislativa Regional, onde foi reconhecida a pertinência política e a justiça das preocupações apresentadas. No final, a petição foi considerada apreciada. Valorizamos este reconhecimento, mas por si só, fica aquém das necessidades.

Profissionais superiores das IPSS continuam a exercer funções altamente qualificadas, frequentemente equivalentes às desempenhadas na administração pública, mas com níveis de remuneração e progressão profissional significativamente inferiores. Situação que se tornou mais dolorosa quando, em 2025, sai uma nova Convenção Coletiva de Trabalho que coloca profissionais com curso superior e com ensino secundário na mesma categoria remuneratória base.

Num contexto em que tanto se tem falado de valorização das qualificações e da responsabili-

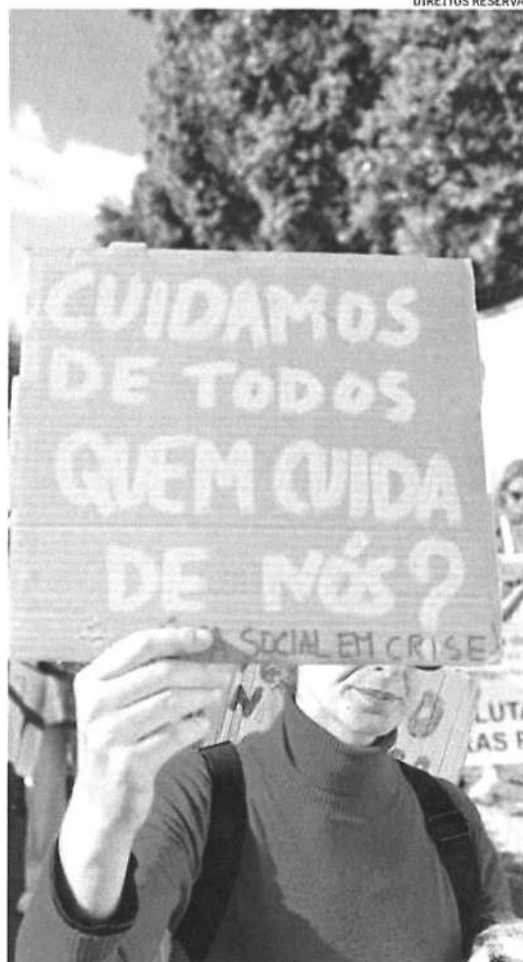
dade técnica, este documento é difícil de compreender! Um documento que resulta de negociações entre entidades que não nos representam, nem em ideias, nem em números – de 253 IPSS que existem nos Açores, apenas 92 são associadas da URIPSSA.

Embora o Governo Regional não seja parte formal do CCT, não pode alhear-se destes factos e das suas consequências, pois além destas organizações constituírem um pilar essencial das políticas sociais da região, dependem, muitas vezes exclusivamente, do financiamento público.

Como esperam que trabalhem estes funcionários? Nem vistos, Nem valorizados, Nem pelo Governo, Nem pela URMA, Nem pela URIPSSA, Nem pelo SINTAP, Nem pelo SINDESCOM. Lanço também o apelo à Comissão de Política Geral que não dê o processo por encerrado.

Outro ponto, refere-se às declarações da Sra. Deputada Olivéria Santos, representante do Chega, que disse que estes trabalhadores aceitaram estas condições quando assinaram os seus contratos. Não, Sra. Deputada, eu não assinei estas regras! ■

JOANA AMEM, PSICÓLOGA.



Janela para o Futuro

Pedro Santos
Ativista

Associação As Cores dos Açores reafirma o seu papel vital na construção de uma sociedade açoriana assente na dignidade e no respeito pela diversidade sexual e de género. Com uma missão focada na proximidade das pessoas, o principal objetivo para este ano, para além do combate ao isolamento e ao preconceito, foca-se na capacitação da sociedade civil.

Através de parcerias com autar-

As Cores dos Açores: Um Arquipélago Mais Colorido

quias, estabelecimentos de ensino e instituições sociais, a organização pretende que os direitos humanos e a diversidade deixem de ser temas periféricos para se tornarem centrais no quotidiano das nove ilhas.

Um dos eixos fundamentais desta intervenção é a aposta na formação contínua. Nesse sentido, As Cores dos Açores incentivam todas as associações e entidades públicas e privadas a solicitarem ações de formação especializadas no Rainbow Portal

(<https://rainbowportal.opusdiversidades.org/formacoes/>), uma plataforma que disponibiliza ferramentas técnicas e pedagógicas para promover ambientes mais inclusivos e informados.

Ao projetar 2026, olhamos para uma linha sem fim: a criação de rede de apoio sólidas e a preservação da memória histórica local de modo a garantir que cada pessoa possa viver a sua identidade com plenitude e orgulho, fazendo da diversidade uma das maiores riquezas da nossa região. ■